

Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio: 1928 – 1950. Um instrumento de Educação
na zona do Alto Paranaíba - MG

Hedmar de Oliveira Ferreira

Entre 1911 e 1945, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria fundaram ou receberam a direção de estabelecimentos de ensino, orfanatos e santas casas nas regiões do Triângulo e Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Em Patrocínio, o Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio foi fundada em 11 de outubro de 1928, pelas Irmãs Ghislaine, Alda e Antonina; a Santa Casa de Misericórdia de Patrocínio em 1929; o Patronato Coronel João Cândido Aguiar em 19 de março de 1952 e o Asilo São Vicente de Paula em 08 de setembro de 1956, todos sob os seus cuidados.

Esta congregação além de expandir a sua atuação em Minas Gerais ampliou-se também para o sul do país, em Londrina no Paraná e para o Distrito Federal, na cidade de Taguatinga, reforçando ainda mais a sua opção educativa.

O que se pretende é reconstituir, o tanto quanto a documentação permite, o processo de instalação dessas religiosas para Minas Gerais, na região do Alto Paranaíba, na cidade de Araguari e Patrocínio, onde fundaram ou receberam a direção de institutos assistenciais. A redação, dada a orientação geral adotada para o trabalho como um todo – demonstrar o envolvimento da Igreja, da oligarquia e do Estado nesse processo – optou-se por explicitar, a aliança dessas forças e instituições, independentemente da sincronia de ação entre elas.

No pensamento da hierarquia católica, era importante criar uma nova ordem política e social fundamentado nos princípios cristãos; em outras palavras: transformar o regime político inspirado no ideário positivista num verdadeiro Estado cristão.

A política ultramontana não se restringia à instituição eclesial, mas, ao contrário, perpassava por todos os setores da sociedade. Na família, lançou um olhar especial, invadindo os lares católicos por meio da prática religiosa, efetuada nas igrejas, nos colégios,

nos orfanatos, nas creches, sendo esses os lugares considerados preferenciais de sua ação:

“O cotidiano doméstico foi devassado: noivados, casamentos, obrigações dos chefes, nascimento, número de filhos, educação dos jovens eram aconselhados e normatizados pelos chefes da Igreja. A voz oficial, como em círculos concêntricos, atingia através dos bispados os mais distantes microcosmos paroquiais. Através dessa forte presença, os pontífices sonhavam com a constituição de uma única família cristã, idealizando-se na chefia dessa comunidade de fiéis.”¹

A partir da década de 20, a Igreja procurou uma reaproximação com o Estado, não em termos de subordinação, mas de colaboração. A hierarquia eclesiástica mostrou-se disposta a colaborar com o governo na manutenção da ordem pública, exigindo em troca que o Estado atendesse as suas reivindicações de caráter religioso.

Para a direção, educação e formação religiosa, os bispos, em consonância com a Santa Sé foram buscar os padres lazaristas franceses e capuchinhos italianos, convictos partidários das idéias ultramontanas. Trouxeram também outras ordens e congregações tanto masculinas como femininas vindas da Europa que assumiram paróquias, engajaram-se nas missões populares, atuaram no ensino, dirigindo ginásios, colégios, escolas técnicas e profissionais, além dos orfanatos e asilos.

A chegada dos padres holandeses, da Congregação dos Sagrados Corações, em Uberaba, Minas Gerais, em 12 de junho de 1925, possibilitou o estabelecimento de negociações entre a diocese e a municipalidade de Patrocínio para a realização do projeto do Bispo Dom Antonio de Almeida Lustosa, referente à fundação dos colégios para meninos - Colégio Dom Lustosa – em Patrocínio (MG), em 1927 e do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio em 1928, em Patrocínio (MG).

A criação e consolidação desses colégios, segundo Ivan Manoel,

¹ GAETA, M.A.J.V. “A Deus, à Igreja e à Pátria.” História, São Paulo: 1992. V. 11, p.245.

“ foi a expressão prática da aliança tácita entre o Estado, que se eximia o mais possível da responsabilidade pela educação pública, a oligarquia, que procurava uma educação conservadora para suas filhas, e a Igreja, que estabelecia, por intermédio da educação escolarizada, uma base estratégica para seu programa de recristianização da sociedade pela doutrina ultramontana”.²

Em 1911, aqui chegaram as primeiras religiosas, vindas da Bélgica: Irmã Ghislaine, Irmã Gilberta. Os entendimentos de Dom Lustosa, Bispo de Uberaba e as lideranças patrocínenses enquadraram o projeto de educação da juventude na linha do conservadorismo católico ultramontano, colocando sob os cuidados dos padres dos Sagrados Corações de Jesus, o colégio masculino, e sob a direção das freiras belgas, da Congregação do Sagrado Coração de Maria, o colégio feminino.

A vinda dessas religiosas revela o envolvimento do clero, da oligarquia e da municipalidade nesse processo através da doação de recursos financeiros, porque a viagem dessas Irmãs foi custeada por doações arrecadadas com a liderança do fazendeiro João Cândido Aguiar.

Sobre este assunto, a documentação é bem explícita: cartas do Bispo Dom Lustosa para João Cândido Aguiar, para sua esposa Emydia e para a Madre Superiora, Irmã Blandina, em Araguari-MG, diversas listas de contribuição e donativos.

Esse apoio logístico, financeiro e social recebido do povo em geral, o rápido estabelecimento das Irmãs belgas em Patrocínio indicam que a população teve aceitação da nova política da Igreja e citando Ivan Manoel, *“sem se preocupar muito com as razões e oposições dos discípulos de Voltaire, Rousseau e Auguste Comte.”*³

Pelos depoimentos, leitura das listas de donativos e contribuições permite verificar que pessoas simples e comuns da cidade, contribuíram para a vinda das irmãs e instalação da congregação, de forma confortável – emprestaram móveis, ofereceram

² MANOEL, I. A Igreja e Educação Feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.(Prismas), p.62

³ *Idem, ibidem. p. 67.*

gêneros alimentícios, além da disponibilidade para os trabalhos domésticos de forma gratuita. Mas, o apoio decisivo veio da municipalidade, representada pelo Agente Municipal João Alves do Nascimento e da oligarquia rural, representada por João Cândido Aguiar.

A chegada das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, em Patrocínio, ocorreu em um momento em que o prédio destinado à instalação ainda não estava pronto. Não se tratava de uma construção nova, mas da adaptação do imóvel localizado na Praça da Matriz, hoje Praça Monsenhor Tiago. A adaptação do prédio se devia ao fato de ser uma construção relativamente ampla, passível de ser adaptada para acomodar uma escola e possuía em anexo, um outro prédio, que seria de grande utilidade para o funcionamento de um internato.

Em 02 de fevereiro de 1929 a Escola Normal iniciou suas atividades com 157 alunas, em regime de internato e externato, com os Cursos Primário e de Adaptação.

O imaginário republicano construiu um modelo ressaltando uma série de virtudes consideradas naturais. Há que se reconhecer que a tarefa atribuída à mulher era algo que pertencia ao plano da imaginação. Em cada momento, conforme a conveniência, buscava-se valorizar um outro discurso, às vezes os dois simultaneamente. Segundo Jean Delumeau⁴ esta contradição tem raízes na cultura ocidental cristã, que, em relação ao sexo feminino, por longo tempo, oscilou entre atitudes de admiração, repulsão, atração ou hostilidade. Para as “mulheres religiosas” era também imprescindível realizar um evento associado a algum tipo de diversão. Em comemoração aos aniversários do Congresso das vocações sacerdotais, do onomástico dos padres, da Madre Superiora, dos votos perpétuos das irmãs, eram promovidas festas “distinctas” e a atração ficava por conta de concertos, peças teatrais, a cargo das alunas do Colégio.

No final do século XIX e início do século XX, Minas Gerais continuava sendo um Estado dependente da agricultura, da mineração e da pecuária, bem como do comércio importador e exportador, entretanto, a consolidação da República no país acenava para um

⁴ DELUMEAU. História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.310.

impulso na indústria, principalmente a têxtil. A cidade de Patrocínio passava por pequenas mudanças em sua estrutura urbana, típicas de cidade interiorana, onde a base da economia era a agropecuária.

As normas sociais para o sexo feminino, interiorizadas pelas mulheres das camadas médias e altas, não comportavam a idéia do trabalho remunerado. Entretanto, algumas ex-alunas, como por exemplo, Teodora de Castro Ribeiro, Dária Amaral, Maria Amaral, Geralda Pereira, Olga Barbosa, dentre outras, viam-se obrigadas a ele como forma de sobrevivência, diante do que o magistério se apresentava como uma das poucas ocupações possíveis, pela dignidade e adequação que supostamente representava para o sexo feminino.

As alunas relembram o quanto o espaço do Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio era acolhedor. Lá elas podiam fazer amizades saudáveis, relacionarem-se em um clima afetivo e companheiro. Isto porque, além de ser uma escola eminentemente feminina, também era de jovens de camadas média e alta da sociedade das regiões do Alto Paranaíba, Triângulo e Noroeste de Minas Gerais.

As palavras de uma ex-aluna são expressivas:

“A primeira turma, a que se formou em 1935, é que mais me deixou ‘imagens’ havia, entre elas, um grupo de 5, sempre juntas, sempre bem informadas e, que algumas de nós, denominávamos de ‘o grupo de Chicago’ referência às idéias da Escola Nova ditadas pela Universidade de Chicago. Eram, as cinco – as mais inteligentes, vivas, sabidas e... invejadas”.⁵

O Colégio Dom Lustosa, de educação católica masculina, situado nas proximidades da Escola Normal, criado em 1927, acolheu os meninos destas regiões, alargando a experiência de educação acolhendo-os no internato. Essa é uma marca da sociedade patriarcal na busca de preservar uma moral tradicional; o cuidado, em última instância, é uma forma de garantia de uma identidade.

⁵ Borges, Alina Arantes. Alina Arantes Borges: depoimento [set. 2002]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio: 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.

A não relação com colegas do sexo masculino constituía-se em um recurso para garantir a manutenção de valores e evitar a troca de intimidades, que consideravam, explicitamente, perigosas para a “honra” da mulher quando de fato, o receio era com a desestabilização da estrutura de poder.

Essas e outras atitudes similares mostram a articulação dos valores das educadoras com a sociedade, o que contribuía para que o Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio fosse o sonho das famílias e o motivo de orgulho para as alunas que conseguiam fazer parte do seu quadro. Tais sentimentos eram expressos através de atitudes de carinho para com as Irmãs, manifestos em diversos momentos e, em particular, na data do seu aniversário natalício ou de profissão de fé. As palavras de uma ex-aluna do Colégio Normal:

“...como esquecer a Irmã Ghislaine, diretora enérgica, tranqüila, que a gente olhava com respeito mas sem medo; a Irmã Magdala – também belga – de olhinhos azuis penetrantes, severa, acolhedora daquelas alunas mais difíceis ou com problemas. Irmãs Alda e Evangelina, brasileiras, familiares no trato com as alunas, preocupadas com o aproveitamento e crescimento de suas alunas-mestras”.⁶

Numa época em que o modelo educacional dominante era o Humanista Tradicional, focado numa base essencialista do ser humano, ou seja, na premissa de que existe uma natureza humana única, cabendo à educação – incluindo-se aí os métodos de ensino, o material didático e a relação professor/aluno – proporcionar o desabrochar dessa essência, as Irmãs educadoras dedicaram particular atenção às alunas, ao seu comportamento, às manifestações dos seus sentimentos, a fim de entendê-lo e melhor conduzi-lo.

A educação ministrada pelos colégios católicos era feita em três tipos de estabelecimentos: os internatos, os semi-internatos e os externatos. Por vezes, essas duas

⁶ *Idem, ibidem.*

ou três formas de regime eram mantidas no mesmo edifício, separadas apenas por alas diferentes de construção.

O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio além de ser freqüentado por alunas externas funcionava em regime de semi-internato e de internato e admitia filhas da burguesia agrária e comercial patrocínense, bem como de famílias abastadas de outras regiões de Minas Gerais.

As filhas das famílias oligárquicas mineiras, especialmente do Noroeste e do Alto Paranaíba passaram a fazer seus estudos em Patrocínio, como internas do Colégio, destacando-se as Melo Franco, Piau, de Paracatu, Amorim de Presidente Olegário, Porto, Caixeta, Queiróz, de Patos de Minas, Paranhos, Mundim, Cardoso Naves, de Monte Carmelo, Rodrigues, Caetano, Machado, de Coromandel, entre outras.

Em nível regional, o Colégio respondeu ao desejo de distinção social das elites, que procuravam diferenciar do restante da população também por meio de símbolos, entre os quais a escola de nível secundário de seus filhos.

Apoiando-se em Weber, Bourdieu assinala que as elites, além de se afirmarem pela posse da riqueza, procuram distinguir-se socialmente por meio de ações simbólicas. Entre as principais “marcas da distinção”, destacam-se o vestuário, a linguagem e a escolha da escola dos filhos.

Gilberto Freyre ao descrever a vida social brasileira, em meados do século XIX, ressalta a importância dos internatos dirigidos pelas religiosas:

“Aos oito ou nove anos, era a menina de família patriarcal mais opulenta enviada para um internato religioso, onde ficava até os treze ou quatorze. Aí sua educação começada em casa, continuava. Aprendia a delicada arte de ser mulher: Música, dança, bordado, orações, francês, às vezes inglês, leve lastro de literatura eram os elementos de educação de uma menina num internato escolar”.⁷

⁷ FREYRE, G. Vida social no Brasil nos meados do Séc. XIX, 2ed., Rio:Artenova, 1977, p.86.

A educação para a ordem e a disciplina constituía um dos aspectos importantes que estimulavam as famílias pertencentes às tradicionais oligarquias rurais e urbanas a confiarem seus filhos aos religiosos europeus. Da mesma forma, os rígidos padrões morais existentes, nos colégios católicos, eram também bastante apreciados, sobretudo na educação feminina julgava-se que a juventude devia manter sob controle seus pendores sentimentais e sexuais nesse período da vida. Mas a maior atração provinha da seriedade do ensino, ministrado dentro dos padrões europeus. O apreço pelo elevado nível cultural vigente, na maioria dos educandários católicos constituiu a razão principal do prestígio que se lhes atribuía .

As elites cultivavam a elegância e o refinamento inspirados no modelo burguês europeu da “Belle Epoque”, que se disseminara pelo mundo como parte integrante do imperialismo europeu do final do século XIX. Entre os mecanismos culturais pode-se destacar a arquitetura e decoração de residências, tendo como exemplo o Palacete de João Cândido Aguiar; o vestuário à francesa para as mulheres e à inglesa para os homens, distinguindo os familiares de Elmiro Alves do Nascimento, a educação dos filhos em colégios dirigidos por congregações cristãs, a participação na direção do Partido Republicano.

Enquanto as mulheres eram circunscritas ao espaço privado da família, onde desempenhavam os afazeres domésticos “delicados”, as funções da maternidade e a educação dos filhos, bem como o magistério primário, os homens eram preparados para os embates bélicos da vida pública, tanto na vida política como nos empreendimentos econômicos. Os moços freqüentavam o Ginásio Dom Lustosa para ingressar nos cursos superiores e as moças estudavam no Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio, dirigido pelas Irmãs.